



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
SEDIS-SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EMERSON WELBER CARDOSO AGUIAR

**AFETIVIDADE E MOTIVAÇÃO NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO**

PARNAMIRIM/RN

2016

EMERSON WELBER CARDOSO AGUIAR

AFETIVIDADE E MOTIVAÇÃO NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso e licenciatura plena em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Artemisa de Andrade e Santos

PARNAMIRIM/RN

2016

EMERSON WELBER CARDOSO AGUIAR

AFETIVIDADE E MOTIVAÇÃO NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO

Trabalho apresentado ao curso de licenciatura plena em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Artemisa de Andrade e Santos

Aprovado em: ____ de _____ de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Artemisa de Andrade e Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Examinador

Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais e familiares, esposa e filhos, amigos e amigas, a professora orientadora Artemisa de Andrade e Santos e a todos os colegas cursistas do curso de pedagogia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus, pela divina luz e pela força e perseverança em iniciar, continuar e terminar um curso tão importante e que exige tanto do educador, mesmo diante de tantas dificuldades no percurso;

Aos meus pais, pessoas importantes e estimuladores da minha vitória e que tanto lutaram para que esse grande momento pudesse acontecer;

A minha esposa e aos meus filhos que, diante de tamanha luta, souberam respeitar as minhas limitações e ausências e contribuir de forma saudável e resiliente com a minha formação pedagógica;

A minha orientadora, excelente intérprete do conhecimento e mestre na transmissão do saber e na arte da docência;

Aos demais amigos e amigas, em particular aqueles da turma de pedagogia, com quem partilhei os saberes científicos e pelos estímulos que contribuíram para o desenvolvimento das competências pedagógicas e;

Enfim, a todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra, para a conclusão deste trabalho e para que esse momento chegasse, servindo como referência para a minha atuação profissional.

Portanto, o problema do conhecimento não deve ser um problema restrito aos filósofos. É um problema de todos e cada um deve leva-lo em conta desde muito cedo e explorar as possibilidades de erro para ter condições de ver a realidade, porque não existe receita milagrosa [...] É necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em matemática que podem dar sozinhas um conhecimento pertinente, mas sim a capacidade de colocar o conhecimento no contexto.

Edgar Morin

RESUMO

O presente trabalho apresenta a temática da afetividade, buscando repensar o conceito e compreender a aplicabilidade no contexto educacional, articulando as suas propostas acadêmicas de acordo com a cientificidade pertinente, assim como, percebendo e analisando o seu enfoque a partir do contexto familiar, sendo este um espaço transformações e ponto de partida para o pleno desenvolvimento da criança. Nesse sentido, concebe a ideia de se propor um programa motivacional que possibilite a criança uma aprendizagem mais estruturada e propositiva, mediante procedimentos metodologias que direcionem que favoreçam e norteiam a dinâmica pedagógica do educador, enquanto sujeito que possibilita essas ações no espaço institucional da escola. Portanto esse trabalho parte do princípio de que a criança precisa se sentir muito bem motivada na perspectiva do lúdico e da afetividade, buscando tornar a relação professor-aluno mais consistente e amigável, assim como didática e pedagogicamente, situada a partir de situações que favoreçam o surgimento e a manutenção de uma educação que contemple a todos e possibilite a qualidade a partir da satisfação e motivação profissional do pedagogo e do aprendente. Assim, buscar evidenciar processos em que a afetividade seja estruturante e condicionante, é uma necessidade pedagógica do cotidiano de sala de aula.

Palavras chave: Afetividade. Motivação. Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper deals with the theme of affectivity, seeking to rethink its concept and understand the educational context in which it is necessary and presents, articulating their academic proposals in accordance with the relevant scientific and, realizing and analyzing their approach to from the family context, which is a space of transformations and starting point for the full development of the child. In this sense, conceives the idea central to propose a motivational program that allows the child a more structured and purposeful learning through methodological procedures that encourage and guide the pedagogical dynamics of the educator, as a subject that enables these actions in the institutional school. Therefore this paper assumes that the child needs to feel very motivated from the perspective of playfulness and affection, seeking to make the teacher-student relationship more consistent and friendly, as well as didactic and pedagogical located from situations which favor the emergence and maintenance of an education that includes everyone and allows the quality from the satisfaction and motivation of the professional educator and the learner. So seek to highlight processes that affectivity is structuring and conditioning, is a pedagogical necessity of everyday classroom.

Keywords: Affection, Motivation; Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – AFETIVIDADE: CONCEITO E CONTEXTO EDUCACIONAL E FAMILIAR.....	13
1.1 Conceito de Afetividade Sob o Olhar do Pedagogo.....	14
1.2 A Afetividade no Contexto da Família.....	17
1.3 Afetividade e Espaço Institucional da Escola.....	19
CAPÍTULO II – MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NO ESPAÇO DA ESCOLA.....	21
2.1 Procedimentos Metodológicos que Favorecem a Motivação para a Aprendizagem.....	21
2.2 Motivação: Bem Estar e Aprendizagem a partir do Lúdico.....	24
CAPÍTULO III – ESPECTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	26
3.1 Como o Educador Percebe e é Percebido pela Criança.....	26
3.2 Práticas Pedagógicas na Sala de Aula: Sucesso na Aprendizagem e Satisfação Profissional como Produtor da Relação Professor/Aluno.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

A afetividade e a motivação na relação professor/aluno compreendem-se a partir das condicionalidades e comportamentos humanos, considerando a personalidade de cada indivíduo, propondo-se uma abordagem concisa, coerente e reflexiva, onde os atores da ação pedagógica são capazes de transformar e de contribuir com a intervenção e a relação interpessoal proposta.

Este trabalho tem como foco a reflexão sobre as múltiplas ações didático-pedagógicas capazes de facilitar o processo de ensino/aprendizagem, através da afetividade e a motivação, constituída entre professor e aluno, com o intuito de contribuir para futuros estudos no âmbito da educação e de melhorar a rotina escolar.

Nesse contexto, torna-se relevante destacar o pensamento de Moraes (2007, p.3) quando cita que:

A motivação humana é observada desde tenra idade, sob diferentes formas. O bebê que busca a satisfação de sua fome, somada ao aconchego de um colo quente e acolhedor, demonstra, ao sugar o peito ou uma mamadeira, possuir motivação de sobra, através de seu instinto e da filosofia que lhe cobra a nutrição e os afetos, expressos pelo choro, por vezes intensos e fortes, e os movimentos mais bruscos de braços e pernas.

O educador em seu cotidiano da sala de aula possibilita uma relação respeitosa, articulada e afetiva; com cada indivíduo presente, dando ênfase a uma dinâmica composta por procedimentos pedagógicos, estabelecidos ao longo do ano letivo. É perceptível a capacidade da criança de compreender a sua intensão afetiva e a sua habilidade em manter relações de afetividade.

A motivação também pode ser gerada do comportamento infantil, significando que, a partir de um determinado grau de afetividade, surgirá uma melhor motivação para a relação cotidiana, melhorando o aproveitamento das potencialidades de ambos (educador e educando). Com esse entendimento, torna-se presumível uma excelente abordagem sobre o tema, no sentido de articular as competências do educador com a forma de se relacionar dos sujeitos da aprendizagem.

Este trabalho se justifica por ser essa uma das razões. Mas também pela capacidade de despertar na comunidade escolar o interesse em se discutir a questão da afetividade e motivação no contexto da relação professor/aluno, prezando pela capacidade de ambos proporcionarem uma superação nos problemas gerados na relação humana, propondo mudanças no modelo de gestão escolar em que, no contexto atual, o gestor está mais para chefe do que para liderança enquanto sujeito norteador de ação pedagógica.

No entanto, é possível ressaltar Piaget (1997, p.16) ao citar que:

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização [...]. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão [...]. O ato de inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade) [...].

Levando em consideração o ponto de vista do autor sobre a vida afetiva e cognição, torna-se interessante destacar a viabilidade da escola propor seu projeto político pedagógico (PPP), meios de se alcançar os melhores resultados quanto a capacidade de envolvimento socioafetivo, cognitivo e motivacional, dos sujeitos do ensino e da aprendizagem.

A estruturação e organização deste trabalho, será efetivada através de uma pesquisa bibliográfica em que a revisão literária sobre o tema seja objeto de estudo, possibilitando uma análise crítica e reflexiva do conteúdo abordado, procedendo a seleção do material de forma qualitativa e conceitual, em que, diferentes obras e autores, sejam amplamente debatidos e interpretados, visando a construção de uma proposta norteadora em pesquisas futuras e fonte de referência em estudos diversos na comunidade escolar.

O embasamento desta obra se faz através dos teóricos Moraes (2007), Almeida (1999), Piaget (1971 e 1982), Maturana (2004), Winnicott (1971 e 1975), Wadsworth (1977), Guillot (2008) e diversos outros teóricos que trabalham a questão da relação afetividade, motivação e aprendizagem em sala de aula.

Considerando tais referências como um marco conceitual na produção deste trabalho, convém citar ainda Mello (2004, p.18) ao frisar que: “não dá pra ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”. Nessa

perspectiva, é que se busca embasamento para este breve relato sobre afetividade e motivação no contexto da educação, abordando os princípios enunciadores de conceitos representativos no desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Este trabalho se organiza em forma de capítulos em que, no primeiro destaca os aspectos relacionados com a afetividade, o seu conceito na visão do pedagogo e o contexto em que a afetividade se efetiva no âmbito da família e no espaço da instituição escolar.

O segundo capítulo trata da motivação e a sua relação com a aprendizagem, fazendo um parâmetro com os procedimentos metodológicos estabelecidos durante o processo de ensino-aprendizagem e como mecanismo lúdico que possibilita bem estar da criança com o pedagogo.

No terceiro capítulo a relação professor/aluno é disposta de forma a possibilitar uma reflexão a respeito da percepção que o educador tem para com o discente, repensando as práticas pedagógicas que ocorrem na sala de aula, proporcionando a aprendizagem da criança e a valorização das práticas docentes que ocorrem no cotidiano pedagógico escolar.

Como se observa, é de importância ímpar e referencial, o destaque dado sobre a temática no sentido de se construir nova concepção acerca da afetividade e motivação, ressaltando a sua pertinência e relação com a aprendizagem, contribuindo com este estudo, para a mudança de entendimentos sobre a necessidade e atenção em se trabalhar estes aspectos no cotidiano pedagógico. Assim como, perceber esses conceitos a partir de um olhar diferenciado e crítico dentro do enfoque da pedagogia moderna.

CAPÍTULO 1 – AFETIVIDADE: CONCEITO E CONTEXTO EDUCACIONAL E FAMILIAR

A afetividade é um tema que faz parte do contexto socioeducacional, presente na vivência pedagógica que há entre professor e a criança, como forma de se estabelecer uma proposta de compartilhamento mediante as informações que se evidenciaram ao longo da relação. A afetividade condiz com a percepção da pessoa, na confiança e no sentimento para com o outro, principalmente na sala de aula e isso torna a relação uma constante troca de sensações percebidas intimamente.

Neste trabalho científico e acadêmico, dá-se um enfoque mais específico a respeito da afetividade, considerando o conceito pedagógico e a sua pertinência no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, torna-se interessante incorporar a percepção de conceito, seja âmbito familiar e/ou da escola, assim como, estabelecer uma relação consistente no âmbito da educação.

Assimilar a ideia de que afetividade está mais relacionada com os sujeitos que já interagem socialmente a essa capacidade vai se efetivar com maior consistência no interior da sala de aula. Com a confiança estabelecida entre criança e professor, se torna mais fácil aflorar a afetividade, haja vista, ser essa uma condição para que aconteça a confiança mútua e a permuta afetiva e harmoniosa.

A necessidade de se abordar a afetividade condiz com a necessidade de se entendê-la de uma forma mais ampla, considerando o contexto socioeducacional no âmbito da escola e referindo-se às vivências dos indivíduos e a forma de expressão mais complexa e essencialmente, humanas vivenciadas no seio da família ou da sociedade.

No sentido de se discutir sobre a afetividade, como forma de compreender a importância desta para a aprendizagem, vale ressaltar que:

Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...] São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo (PINO, S/D, P. 130-131).

Na verdade, ser um sujeito que mantém independente da situação emocional, uma demonstração de afeto e carinho para com o outro e, acima de tudo, uma característica na relação humana; isso deve ser bem valorizado no processo de ensino-aprendizagem, haja vista, evidenciar de saber se relacionar de forma confiante, amável e positiva.

1.1 Conceito de Afetividade sob o Olhar do Pedagogo

Discorrer sobre o conceito de afetividade exige também que se pense como a criança se relaciona ou externaliza as suas emoções, desde o início da vida, haja vista,

nestes primeiros momentos a criança não possui e nem interage satisfatoriamente com o meio.

Dessa forma, ressalte-se que esta é:

[...] razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem que ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influencia do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, P.262).

No entanto, para que essa condição se estabeleça com total confiança e amorosidade, torna-se relevante que o adulto, neste caso o professor favoreça e possibilite, harmoniosa e afetivamente, momentos em que a criança possa se sentir interagindo e compreendendo o quão afetiva é a relação com o outro, no sentido de tornar a relação, algo mais humano, mais harmonioso e prazeroso.

É fundamental destacar ainda Wallon na sua capacidade de reflexão, ao considerar que a esse momento possibilita e estabelece uma estreita ligação entre as emoções e a atividade motora. Para ele, “a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento” (idem, p.91).

Compreende-se, a partir desse entendimento do autor que, a possibilidade de aflorar a afetividade, depende, de certo modo, da capacidade dos seres humanos, se relacionarem, considerando, na criança, a sua evolução psíquica, motora e cognitiva, no sentido de apropriar-se de significados importantes a respeito daquilo que ela considera relevante para si e para a manutenção da relação com o outro.

Nesse sentido, ao passo que, desde a primeira infância, a criança é criada num ambiente de afetividade, respeito, carinho e amor, a mesma vai está se inserindo gradualmente e de forma psicológica, com um processo que continua a acontecer independente das situações do cotidiano, seja com os pais, com amigos, com professores, ou seja, mesmo com o imaginário, quando a criança, ao brincar, cria e mantém laços afetivos com bonecas e objetos da sua relação lúdica.

Wallon (idem) ressalta ainda que:

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos.

Compreender a afetividade deve estar na pauta contínua da prática pedagógica no contexto da escola. O educador deve estar atento às manifestações que a criança evidencia no cotidiano de sala de aula, compreendendo os seus momentos de euforia e baixo astral, dando atenção mais específica diante o contato com os jogos, atividades lúdicas e outras. A partir daí, é importante se dedicar a um olhar clínico sobre a criança, no sentido de percebê-la como sujeito da sua própria história, evidenciando suas emoções no meio em que interage.

Segundo Wallon (idem), é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação, que consequentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação. Dessa forma, compreende-se claramente que, a partir da assimilação da real situação em que se coloca, a criança será capaz de aprimorar as suas emoções afetivas, conferindo a si mesma, um processo de confiabilidade mais crítico e reflexivo.

A oportunidade de utilizar as reações emocionais da criança é, para o professor, um momento de reorganizar o saber, sabendo inferir ações próprias da pedagogia, assim como possibilitando o contato e o manuseio de recursos que simbolizam representações importantes como exemplo, a relação mãe/filha, de forma simbólica e fictícia.

Wallon (apud Almeida, 1999) destaca que “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas tem funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados” (p.51).

Para o autor, o desenvolvimento da inteligência está atrelado ao nível de afetividade. Na verdade, aprender num ambiente mais afetivo e agradável é uma possibilidade que traz, realmente, uma conquista enorme diante da possibilidade da criança se sentir pertencente ao processo e se relacionar perfeitamente bem com quem lhe oferece oportunidades de criticizar e refletir sobre o conhecimento.

Andrade (2007, p. 04) ao refletir a temática sobre o enfoque da psicologia freudiana, ressalta esta questão, considerando que:

Para a psicanálise, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.

Entende-se, do contexto dessa abordagem, que a autora pretende discorrer sobre a relevância dos fatores psíquicos que possibilitam a emoção do indivíduo. Dessa forma, é pertinente afirmar que a afetividade só acontece mediante uma relação entre duas pessoas ou entre uma pessoa e uma situação que provoque a emoção ou o sentimento a esse respeito. Assim, o aspecto característico do prazer, da emoção, da alegria, enfim, são capazes de favorecer a afetividade e promover um estado de bem estar e contentamento.

Vale ressaltar ainda que nesse processo de mútua troca ou doação “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (Almeida, 1999, p. 107).

Nesse sentido, o olhar do pedagogo no âmbito da escola e da sala de aula, contribui para a construção de uma relação favorável e propícia ao desenvolvimento cognitivo, psíquico e motor da criança, quando em idade de alfabetização, considerando o contexto da organização das suas estruturas psicológicas e socioafetivas, construídas ao longo da sua relação humana.

É fundamental ainda ressaltar que:

Com o advento da função simbólica que garante formas de prevenção dos objetos ausentes, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. Não mais restrita às trocas dos corpos, ela agora pode ser nutrida através de todas as possibilidades de expressão que servem também a atividade cognitiva (idem, p.75).

Nesse momento da vida, as estruturas psíquicas e emocionais se efetivam e promovem um melhor pertencimento e satisfação diante os diferentes aspectos inerentes a ação pedagógica do professor. Proporcionar uma interação de qualidade é o ponto de partida para que se compreenda que se compreenda que a relação professor/aluno se inicia a partir da afetividade, ou seja, quando dois indivíduos se conhecem e se aceitam

prazerosamente, com satisfação e contentamento, de certo modo, essa relação tende a ser produtiva e valorosa.

É o professor o sujeito dessa construção que requer, em primeiro lugar, saber as angústias ansiedades e desejos da criança, no sentido de possibilitar a afetividade de uma relação humana respeitosa, amigável e afável. Assim, o pedagogo vai compreender que afetividade é o início de toda uma conquista pedagógica da aprendizagem, mas também, uma proposta social e interacionista que providencia o controle das funções socioeducacionais diante o contato entre os sujeitos, aprendente e ensinante.

É relevante colocar em relevo a seguinte abordagem:

Piaget em 1954 afirma que a afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém é a energia que impulsiona a ação de aprender. “A ação, seja ela qual for, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo, uma meta, mas é necessário o desejo ,ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade” (DELL’AGLI e BRENELLI, 2006, P.32).

Tal objetivo só será alcançado mediante a objetividade das ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito da sala de aula no contexto socioafetivo em que, professor e criança, diante de necessidades congruentes, se correlacionam de forma mista, embora propositiva, buscando construir uma concepção de mundo, partindo da instigação, por parte da criança, ou seja, para aprender, se torna necessário que o primeiro ofereça condições favoráveis e prazerosas, e que o segundo, como aprendente, perceba a capacidade afetiva, emotiva e significativa do conteúdo, da relação humana e dos conhecimentos intrínsecos a abordagem.

Essa discussão se conforta na percepção de Oliveira (2003, p. 47) quando coloca que “o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais”. Essa é uma proposta evidente e que é interdependente das propostas didático-pedagógicas que se incluem no projeto político pedagógico da escola, a partir das concepções ideológicas do pedagogo.

Portanto, não se constitui como tarefa fácil, a inserção de procedimentos, ações e eventos didático-pedagógicos no interior da escola, no sentido de proporcionar a criança, um ambiente afetivo, criativo, satisfatório e lúdico, favorecendo a aprendizagem e o

desenvolvimento dos aspectos psicossomáticos dos sujeitos que se relacionam mutuamente no cotidiano pedagógico.

1.2 A Afetividade no Contexto da Família

Discorrer sobre o contexto da palavra afetividade e seus derivados e afins como afetivo, emocional e outros, é uma necessidade da atuação profissional do pedagogo, haja vista, sua intencionalidade de compreender sobre essa dinâmica que favorece a construção de vínculos e/ou desconstrói.

Nesse sentido, torna-se viável e necessário abordar essa questão diante da sua pertinência para com a compreensão da temática afetividade e motivação na relação professor/aluno, assim como, no processo de ensino/aprendizagem no contexto institucional, tornando possível uma série de ações do cotidiano pedagógico que aprimoram e viabilizam o alcance de sucesso na aprendizagem.

No entanto, essa é uma questão pouco ou raramente discutida no âmbito da família, haja vista, representar uma função ímane para o propósito de crescimento, desenvolvimento e transformação da criança ainda no seio familiar, buscando organizar-se, psíquica e emocionalmente, para ambiente escolar.

É importante citar Engelmann (1978, p. 130-131) ao ressaltar que:

Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.

É óbvio que ser a está, afetivamente, bem relacionado e preparado para o cotidiano das ações na base familiar, é uma condição que facilita o aprimoramento das relações humanas e melhora a condição de pertencimento e desenvolvimento nas múltiplas aprendizagens ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Por essa razão, entende-se que a criança chega à escola, com total e irrefutável condição biológica, psíquica e emocional, para aprender e para se relacionar basicamente condicionada pelo fator afetivo, desenvolvido no âmbito da família.

Arelado a essa concepção, é importante ainda considerar algumas questões fundamentais para se compreender o contexto e a pertinência da afetividade na relação humana, principalmente, desde os primeiros momentos da relação interpessoal.

Nesse sentido, é necessário ainda perceber a determinância desses fatores, quando os mesmos estão, imprescindivelmente, condicionados por questões pertinentes ao desenvolvimento no ambiente social, quando Hidalgo e Palácios (2004) concluem que em todas estas teorias apresentadas há uma coincidência unânime em assinalar os pais e o contexto familiar como modeladores do desenvolvimento da personalidade infantil.

Na verdade, há que se considerar fielmente, que o espaço da família e o seu contexto (relação, realidade social e educacional e outras características relevantes) constitui uma peça chave na concepção dos autores. Faz sentido a colocação, haja vista, a formação que acontece na família até os primeiros momentos em que a criança se depara com a escola e o seu contexto, o que vai, certamente, transformar a percepção desta sobre si, sobre mundo e sobre a realidade que a cerca, possibilitando a compreensão do efetivo melhor ou pior, o pertencimento mais organizado ou menos, enfim.

É relevante ainda se colocar em relevo que:

A forma como os pais manejam a satisfação ou a restrição dos desejos de seus filhos (Freud), a forma como respondem a suas condutas exploratórias e as suas iniciativas (Erickson), a forma como agem diante de sua teimosia ou suas graças (Wallon), a forma como moldam com reforços diferenciais as condutas sociais de seus filhos (aprendizagem social) são consideradas essenciais no desenvolvimento de um caráter mais acanhado ou mais onipotente, mais seguro de si mesmo ou mais cauteloso, com mais confiança ou mais inseguro (idem, p. 184).

De acordo com as percepções dos autores sobre os estudiosos mencionados, é prudente salientar que a afetividade também contribui na formação do caráter e isso, é fundamental para o desenvolvimento completo da criança, haja vista, que a afetividade, principia todas as outras emoções externas entre criança e adultos. Nesse sentido, é muito importante considerar que, caso a família esteja atenta a esta condicionante, torna-se um fator essencial para a aprendizagem da criança. Do contrário, gera alguns transtornos jamais resolvidos durante a vida adulta.

A construção de uma forte e estruturante relação humana, iniciada no âmbito da família, caracteriza o ato de ensinar e o aprender, que transcorre a partir de vínculos estabelecidos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular

é extremamente afetiva, portanto, essencial para a construção de uma concepção relevante a respeito do afetivo na vida funcional dos indivíduos.

O fato de a criança utilizar-se dela, como forma de comunicação emocional, para mobilizar o adulto, no sentido de fomentar a base psicológica entre ambos, garante assim os cuidados de que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem.

No entanto, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel vínculo afetivo, que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. Neste contexto, Wallon (1971) ressalta que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional.

Portanto, todas estas características são fundamentais para estruturar o lado psíquico, motor e cognitivo da criança, tornando-a mais organizada intimamente e utilizando-se do fator afetivo e emocional para transmitir suas condutas e aprender mais e melhor, de acordo com a percepção paralela do professor. Perceber estas nuances da formação da criança é um ponto importante para que o pedagogo possa organizar o seu pensamento e as ações pedagógicas que pretendem implantar, no sentido do seu desenvolvimento.

1.3 Afetividade e Espaço Institucional da Escola

A presença e necessidade da afetividade nas interações sociais, é uma condição humana que vai do simples desejo de se manter comunicação e relação institucional, influencia também, de forma contínua e sistêmica, nos processos de desenvolvimento cognitivo, principalmente, no caso da criança em processo de desenvolvimento. Nesse sentido, pode-se pressupor que as interações que ocorrem no contexto escolar são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos.

No entanto, a afetividade se constitui como um fator de importância ímpar na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno e pedagogo) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como

na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas para com os demais.

Diante o contexto, Almeida (1999, p. 107) ressalta que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”, Assim, no espaço institucional, torna-se relevante considerar a afetividade um mecanismo de condutas louváveis que evidenciam, também, a condução de bons resultados, tanto na prática docente quanto na aprendizagem da criança.

O autor considera ainda que “enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio” (ALMEIDA, 1999, P. 42). Esse fator se estabelece durante os primeiros momentos de permuta das informações inerentes a ambos, professor e criança, no sentido de viabilizar boas condutas e ações pedagógicas produtivas.

É importante destacar ainda que o advento da função simbólica que garante formas de preservação dos objetos ausentes, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. Não mais restrita à trocas dos corpos, ela pode ser nutrida através de todas as possibilidades de expressão que servem também à atividade cognitiva (idem, p. 75).

Dessa forma, na relação professor/aluno essa proposição deve acontecer com tal consistência e formalidade, haja vista, a presença desse canal de expressão e representação, buscando criar diferentes possibilidades através da prática pedagógica no âmbito escolar. Para que isso aconteça, a percepção do professor a respeito do nível de afetividade entre a criança e os demais, é um fator fundamental para estruturar a percepção de ambos, seja no ensino e na práxis, ou seja, na aprendizagem a partir de boas atitudes e momentos essenciais para o pertencimento e bem estar da criança.

Segundo Mahoney (1993) a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser (idem, p. 68).

Nessa perspectiva, quando o ambiente escolar oferece mecanismos excelentes de integração, afetiva e motivação, acontece o que se pode chamar de pertencimento e,

além do mais, essa condição se estabelece de forma motivadora e estimuladora, haja vista, a relevância que tem para a aprendizagem do sujeito aprendente ao longo das ações pedagógicas.

Como forma de evidenciar aqui, um destaque fenomenal dessa premissa humana e/ou institucional, torna-se primordial citar e destacar Ausubel (1968) quando frisa muito bem que: “[...] de todos os fatores que influenciam a aprendizagem, o mais importante consiste no que o aluno já sabe. Investigue-se e ensine-se de uma forma consequente”.

Portanto, não é uma vã filosofia considerar a afetividade como uma das ferramentas mais importantes para se conduzir uma relação interpessoal no contexto da escola, da família e da sociedade, evidenciando diferentes fatores de êxito: boas práticas pedagógicas, excelentes oportunidades de aprendizagem e a construção de uma constante e continuada interação entre pessoas que, no cotidiano da escola, mantém relações importantes para o desenvolvimento pleno da criança.

CAPÍTULO 2 – MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA

O contexto atual em que escola e pessoas estão em permanente relação e exigindo-se cada vez mais uma da outra, torna-se imprescindível abordar e se discutir neste trabalho acadêmico, os diversos aspectos relacionados com a aprendizagem, tendo como plano de fundo, a motivação no contexto da escola.

Faz se elementar e relevante citar Lévy-Leboyer (apud BERGAMINI, 1997b, p. 89) quando na sua obra *A Crise das Motivações*, propõe claramente que:

A motivação não é nem uma qualidade individual, nem uma característica do trabalho. Não existem indivíduos que estejam sempre motivados nem tarefas igualmente motivadoras para todos. Na realidade é bem mais do que um composto estático. Trata-se de um processo que é ao mesmo tempo função dos indivíduos e da atividade que desenvolvem. É por isso que a força, a direção e a própria existência da motivação estarão estreitamente ligadas à maneira pessoal que cada um percebe, compreende e avalia sua própria situação no trabalho, e certamente não à percepção daqueles que estão fora dela como os tecnocratas, os administradores e os psicólogos.

Entende-se da colocação do autor que, para que um indivíduo se sinta, realmente, motivado a, nesse caso, aprender e sistematizar diferentes conhecimentos no contexto da escola torna-se essencial que seja percebida uma série de fatores que pode

indiscretamente, contribuir para a efetivação de práticas que favorecem a aprendizagem formal.

Para Bergamini (1997b) quando se assume a possibilidade de motivar as pessoas, está-se confundindo motivação com condicionamento. Uma vez que se aborda condicionamento, está-se sabendo que, quando as forças condicionantes desaparecerem, sejam eles reforçadores positivos ou negativos, essas pessoas param, precisando de novos estímulos para que voltem a movimentar-se em qualquer direção.

No entanto, é possível, de acordo com Bergamini (1997b) manter pessoas motivadas quando se conhece suas necessidades e se lhes oferece responsabilidade da escola quanto ao fato de se ensinar de forma que o aluno se sinta motivado a aprender, torna-se um desafio bastante complexo e inovador, ao mesmo tempo dinâmico, mas, acima de tudo, crítico e propositivo.

2.1 Procedimentos Metodológicos que favorecem a Motivação para a Aprendizagem

No decorrer das ações e atividades pedagógicas na escola, o professor transformar suas habilidades em meios para se alcançar o objetivo principal; a aprendizagem. Assim, a partir da construção do plano atual, para o professor e para a escola, o projeto político pedagógico, busca favorecer o processo de ensino-aprendizagem, articulando-se com a motivação e o estímulo ao saber do cotidiano.

Segundo Archer (1989, p.25), [...] “a motivação, portanto, nasce somente das necessidades”. Nesse sentido, entende-se que o caminho mais viável para essa condição, seja através do diagnóstico prévio da criança.

No início do ano letivo, o professor juntamente com os demais profissionais de educação busca realizar o diagnóstico prévio para conhecer, com maiores detalhes, quem é a criança, como aprende o que já domina e outras especificidades inerentes a socialização, aprendizagem e interação socioescolar, principalmente, condicionando-as, as constantes motivações (intrínseca e extrínseca) que ocorre na vivência diária.

Burochovitch e Bzuneck (2004, p. 45-46) ressaltam que:

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou

habilidades [...] diversos autores consideram as experiências de aprendizagem propiciadas pela escola como sendo extrinsecamente motivadas, levando alguns alunos que evadem ou concluem seus cursos a se sentirem aliviados por estarem livres da manipulação dos professores e livros.

Diante a citação, entende-se que a motivação tem suas causas e, nesta, a aprendizagem e o condicionamento da criança depende muito dos fatores externos que, muitas vezes, independe da atuação responsável do professor. No entanto, outras nuances dessa relação precisam de atenção específica, haja vista, o dia a dia ser coberto de experiências e que estas geram motivação para determinadas atividades que resultam em desenvolvimento de outras capacidades inerentes.

Para Burochovitch e Bzuneck (2004, p. 37) a motivação intrínseca proporciona a sensibilidade no aluno de que “a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento”. Quanto a esta, o diagnóstico prévio da criança pode resultar numa dinâmica específica que apresenta diferentes situações em que, o ser humano, para se sentir motivado, é necessário que determinados acontecimentos tenham princípio em si mesmo e que possam partir dos seus diferentes estímulos.

Bourdieu e Passeron (CARVALHO, 2004, P. 53) consideram estas questões importantíssimas para o processo de ensino e aprendizagem e, por essa razão, ressaltam que:

O sucesso escolar depende da familiaridade com o conhecimento, linguagens e padrões de avaliação específicos da escola e reflete distância ou afinidade entre cultura doméstica e cultura acadêmica. Assim, a produção do fracasso escolar é intrínseca ao funcionamento de um sistema educacional que recebe indivíduos de origem culturais diversas, mas implicitamente adota um único modelo cultural. Como consequência, políticas que não levam em conta esses mecanismos reprodutivos promovem desigualdade educacional e social, ao atribuírem demandas à família, como por exemplo, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar dos filhos. Isso porque as escolas passam a organizar o processo ensino-aprendizagem contando com a contribuição da família ideal, culta e comprometida com a ‘cultura escolar’, realidade que sabemos não é a da maioria das famílias brasileiras.

Esses conhecimentos colocados pelos autores são importantes para o processo de desenvolvimento nas várias dimensões: psicológica, motora, afetiva, social e cognitiva. Dessa forma, precisa-se que família e escola sejam parceiros e estejam articulados, de forma permanente, tendo como objetivo final, alcançar os melhores índices de

aprendizagem, assim como, possibilitam as melhores práticas pedagógicas para os docentes.

Para Young (2007) se a escola promove o conhecimento, ela contribui para o processo democrático e justiça social. Segundo o autor, a educação sempre pressupõe a transmissão, a aquisição, a apreensão dos conhecimentos de alguém por meio de outro alguém. Do ponto de vista escolar/humano, a escola serve para transmitir às gerações mais jovens aquilo que as gerações adultas dominam. O que motiva o conhecimento é o domínio do homem sobre a natureza.

Diante do exposto, é importante que se reflita sobre as condições em que ambos os autores se propõem a favorecer a motivação durante os procedimentos pertinente à aprendizagem da criança. Nessa abordagem, alguns questionamentos são elementares se fazer e fundamentais para que se compreenda a evidência da participação e da capacidade de cada um contribuir para a motivação.

Portanto, é preciso e necessário se saber: Qual o papel da família na concepção que estudamos?, Qual o papel da mulher?, Qual a função social da escola?, Qual a importância da escola na vida do indivíduo, enquanto sujeito capaz de interagir e participar criticamente da sociedade? Diante estas questões, é interessante que se discorra sobre a real evidência da motivação na aprendizagem e como estes atores citados contribuem para que ocorra da melhor forma possível.

Em conformidade com a compressão que se tem da temática:

A motivação do aluno, portanto, está relacionada com o trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto (BROPHY, 1983 apud Bzuneck 2000, p.11).

Portanto, quando em processo de efetivação da prática pedagógica no interior da escola, o professor é o único agente desse condicionamento que se utiliza de procedimentos metodológicos como a leitura compartilhada, a confecção de instrumentos para exposição de aprendizados como, cartazes jornais, quadro de sons, assim como na prática de seminários, júris, espaços para atividades lúdicas e outras práticas que favorecem o aprender a partir da motivação da criança.

Para que ocorra a aprendizagem, é preciso que o professor pense nestas duas dimensões da motivação: extrínseca intrínseca. A partir delas todo o processo de ensino

aprendizagem pode e deve acontecer, agora, se positivo ou negativamente, só a capacidade de se articular com as metodologias e atividades, certamente efetivará. No entanto, o professor precisa está antenado com as metodologias e com as práticas pedagógicas, visando uma aprendizagem mais sólida e mais estruturante para o pensamento crítico e reflexivo da criança.

2.2 Motivação: Bem Estar e motivação a partir do Lúdico

A motivação na escola pode ser geradora de bem estar e pertencimento, desde que, quando utilizada, se detenha em propostas atingíveis e louváveis, tendo em vista que, aprender é uma condição humana que, quando pensada e favorecida a partir da ludicidade, ganha contornos mais apurados e relevantes para o contexto do processo de educação.

Portanto, a grande preocupação da administração não deve ser de anotar estratégias que motivem as pessoas, mas acima de tudo, oferecer um ambiente de trabalho no qual a pessoa mantenha o seu tônus motivacional. Observamos que recentemente Maciel; Sá (2007,p.67) nesta abordagem, cita o aspecto administrativo, talvez empresarial para alguns, mas diante a conjectura de uma instituição escolar, há que compreender as mesmas particularidades da escola.

No entanto, a criança não só se percebe pertencente ao ambiente escolar, mas também, sente prazer em fazer parte de um grupo, contexto e/ou processo em que, aprender objetos lúdicos e contentamento, são premissas de um espaço escolar. Daí resulta diferentes proposições individuais e/ou coletivas da criança e da instituição.

Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência deve estar motivado, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente peculiares que as diferenciam, como esporte, lazer, brincar ou trabalho profissional. Nesse sentido, o professor é o primeiro profissional a está motivado e, para isso, algumas evidências devem ser revistas. Por outro lado, motivar a criança, torna-se uma ação duplamente responsável e complexa, tendo em vista que, há muitos fatores para que se possibilite a motivação na criança e, o principal deles é, justamente, o bem estar físico mental e socioafetivo.

A motivação infantil tem lugar de destaque no desenvolvimento de nossa espécie. Não é algo que deva ser fonte de preocupação posterior. É no aqui e agora que as

coisas acontecem. Esta oportunidade pode passar, e então, criar dificuldades em outro momento. Colaborar já é motivo de boa qualidade no convívio atual e especial preparação para o futuro (MORAES; VARELA, 2007, P. 10).

Nessa perspectiva, é preciso uma atenção mais direta a um olhar atencioso para com as atitudes e comportamentos da criança. Ela precisa de estímulos reais, principalmente, a partir do lúdico que, para ela, é um contexto nato e prazeroso, no sentido de possibilitar-lhes aprender da melhor forma possível.

Dentre os mecanismos que podem ser utilizados para a motivação da criança, um dos mais citados é o método expositivo verbal o qual pode ser muito eficiente se o professor conseguir mobilizar a atividade interna do aluno para que ele venha a se concentrar e pensar, combinando com outros procedimentos, como o trabalho independente, a conservação e o trabalho em grupo além da conjugação com demonstração, ilustração e a exemplificação, possibilitando o enriquecimento da aula expositiva. A exposição verbal é um procedimento muito valioso para a aprendizagem, pois, se o conteúdo da aula é um procedimento muito valioso para a aprendizagem, pois se o conteúdo é interessante para a criança, vincula-se com seus conhecimentos e experiências prévias (VARELA, 2007, P.13).

Portanto, o aspecto lúdico, quando utilizado no contexto de sala de aula e com objetivos claros e propositivos, tende a estabelecer na criança uma transformação completa na aprendizagem, no comportamento e na interação socioeducacional, resultando na geração de estímulos para o aprender e o bem estar diante os processos do cotidiano pedagógico e, nesse contexto, o professor é o principal facilitador e instigador dessa ação motivacional.

CAPÍTULO III – ASPECTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

A qualidade da relação professor/aluno consiste de um mecanismo bastante relevante para se manter um processo de ensino-aprendizagem articulado, diferenciado inovador e humanizado a partir das ações do cotidiano pedagógico da sala de aula, em que, sujeitos e processos se coadunam para objetivar excelentes resultados no ensino, por parte do professor e na aprendizagem como resultado de um processo coletivo entre quem ensina e quem aprende, mas nesse contexto há ainda os demais, coadjuvantes dessa proposta.

No entanto, é fato que a afetividade se constitui uma excelente ferramenta de diálogo e construção de saberes, tendão em vista a sua capacidade de facilitar os diferentes mecanismos de aproximação e pertencimento na escola, minimizando as problemáticas existentes e reforçando a formação da personalidade do ser. Dessa forma, procurar conhecer o aluno é uma prioridade do trabalho docente que, ao longo de suas práticas intervencionistas, busca conceder ideias que favoreçam o respeito, o conceito profissional e o desenvolvimento pleno da criança.

Portanto, neste capítulo, pretende-se discorrer sobre os aspectos clínicos e institucionais que estão presentes na relação professor/aluno, buscando se compreender as suas funções e construindo uma base teórica a respeito da temática no sentido de contribuir com a afetividade de um processo de ensino que, educador e aluno sejam parceiros e colaboradores, assim com cúmplices da aprendizagem coerente e muito bem organizada cognitivamente.

3.1 Como o Educador se Percebe e é Percebido pela Criança

Ser profissional naquilo que se faz não é coisa fácil como muitos acham. Muitas vezes, agir profissionalmente exige mais criticidade e reflexão do que se imagina, haja vista, compromisso e profissionalismo são duas premissas essenciais na execução de qualquer ação humana e, para isso, está em busca de uma percepção coerente a cerca da criança que aprende, percebendo-a e compreendendo suas particularidades, é uma condição da qual o professor não deve e não pode fugir. Assim, buscar evidenciar processos em que a afetividade seja estruturante e condicionante, é uma necessidade pedagógica do cotidiano de sala de aula.

Cunha (2008, p. 51) ressalta que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é o meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes; estão fechados a possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

Diante o que se coloca em relevo, é importante que essa percepção seja uma constante na vida funcional do educador, no sentido de se manter uma relação sadia e

amigável, visando construir uma educação em que ambos, professor e aluno, sejam parceiros na luta por uma educação de qualidade em que o afeto e o pertencimento sejam meta principal na efetivação de uma aprendizagem lúdica, instigante e criativa.

Por outro lado, também se faz necessário considerar a capacidade de incluir a formação do educador em que precisa ser mais coerente com a realidade, conhecendo as particularidades do processo e se fazendo atuar conjuntamente, no sentido de se adquirir experiências mais estruturantes e representativas para que este possa atuar com total responsabilidade.

Nesse sentido, [...] o professor conquista a confiança do aluno, através de um diálogo afetivo para depois começar a ensinar, através de exercício que desenvolvam o aluno (SIQUEIRA; SILVA NETO, 2011). Assim, nessa troca informações e afetos, as experiências se efetivam e acontecem com melhor organização no processo de ensino-aprendizagem.

Para Montessori (apud Cunha, 2008, p. 59):

Um educador mal preparado para observar a alma infantil e o dinamismo nas nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode calcar a natural necessidade para o aprendizado escolar e, conseqüente de expressar-se. É necessário manter a prodigiosa aptidão da criança que, enquanto vive plenamente, aprende.

Para o autor, observar a alma pode significar está atento as intensões, os desejos e os anseios da criança, haja vista, aprender e ensinar estarem em constante correlação e para que aconteça com mais qualidade, precisa que os atores envolvidos saibam se compreender, se perceberem com propósitos específicos e profundos que norteiam a vida e as perspectivas de futuro.

Portanto, ser capaz de manter a aptidão de a criança aprender é uma condição que se inicia na relação mútua entre professor e aluno. É a partir dela que tudo vai acontecendo de forma a resultar num aprendizado bastante estruturado e dinâmico, no sentido de efetivar o respeito e a confiança entre ambos. É a partir dessa condição que a criança começa a perceber o professor com um olhar diferenciado e primoroso na prática docente.

Cunha (2008, p. 63) é enfático ao dizer que:

O modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

Diante o que se diz, é fundamental que, no decorrer da prática docente, o professor se dedique mais a perceber as nuances que expressão a realidade e a veracidade que a criança vivencia e o quanto esses fatores são importantes para a organização do pensamento e da aprendizagem a partir da percepção de que, é na relação diária que se constrói o saber e para isso, é preciso abençoar um laço afetivo valioso e uma condução respeitosa constante.

Nesse sentido, Saltini (2008, p. 63) enfatiza que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, rir, dorme sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

O processo de audição sobre as condições em que a criança se encontra e o quanto e como se relaciona com o grupo ao qual pertence deve ser visto como um dos meios de se superar alguns problemas inerentes à relação professor-aluno, no sentido de priorizar um diagnóstico que apresente o sujeito aprendente na sua totalidade, principalmente, cognitiva.

Dessa forma, sabendo das particularidades inerente a criança ao aprender e as suas condições vitais e intelectuais, o docente saberá, indubitavelmente, direcionar o seu trabalho pedagógico, de forma, que objetive o sucesso na aprendizagem e na estruturação psicológica e socioafetiva.

Portanto, a forma como se estabelece a relação interpessoal entre professor e aluno, torna-se o principal instrumento de respeito mútuo e aprendizagem colaborativa, tendo em vista que, para aprender em sala de aula, a criança precisa está atenta a dinâmica de atuação do professor, acatando as suas decisões e apropriando-se de aspectos socioafetivos e psíquicos que contribuem com a aprendizagem desta, de forma gradual e valorativa.

3.2 Práticas Pedagógicas na Sala de Aula: Sucesso na aprendizagem e Satisfação Profissional como Produto da Relação Professor/Aluno

O cotidiano da relação professor-aluno é uma situação pedagógica que envolve aspectos afetivos, emocionais e psicológicos que estruturam a formação social e contribui para o desenvolvimento cognitivo, por parte da criança e profissional pelo professor. Nesse sentido, é muito importante considerar a inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as

intuições na construção do conhecimento de ambos os aprendentes, tanto quem ensina quanto quem aprende.

Para Snyders (1986) quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é o contrário do conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender, alegria de compreender. Já Mauco (1986) comenta que a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.

Diante as colocações dos autores, é fundamental destacar que o afeto é um fator primordial na construção das relações humanas e contribui, consistentemente, com o desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias na vivência pedagógica da instituição escolar. Quando há o favorecimento para a aprendizagem, torna-se mais relevante a construção de saberes essenciais para a criança e importantes para a prática docente.

Goleman (1997), ao desenvolver o conceito de inteligência emocional salienta que aprendemos sempre melhor quando se trata de assuntos que nos interessam e nos quais temos prazer. E é a partir dessa premissa que a intervenção didático-pedagógica se substancia e fomenta a qualificação do professor docente.

Freire, em seu livro Professora sim, Tia não (1997), retrata a importância dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento, ressaltando que:

[...] é necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro, com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter aos objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca desprezá-los.

É compreensível dizer que o papel do educador, diante do contexto da citação do grande mestre, é contribuir para a perda desses medos, é facilitar a experiência nas interpelações, é promover a confiança e, a partir daí favorecer a construção de uma aprendizagem mais homogênea e digna, assim como, proporcionar a criança a capacidade de aprender com todas as ferramentas e instrumentos que lhes for possível, sejam elas didáticas e/ou pedagógicas, assim como, estejam implícitas nas relações, emoções e afetividade.

É importante que as crianças possam se sentir amadas pelos pais, responsáveis e pela família em geral. A afetividade e o amor vai lhes trazer paz interior e lhes dá segurança, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo que as cerca, principalmente, no que se refere ao pedagógico. Quando estas situações estão

presentes na relação pessoal entre professor e aluno, faz com que as mesmas tenham mais vontade de participar e explorar o mundo imaginário da aprendizagem.

De Paula (2010, s/p) destaca que:

Podemos perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pelo filho, pela escola, pelo o que ele está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois se sentem orgulhosas de seus feitos. O laço escola-família se faz mais do que necessário e é através dele que muitas vezes conseguimos vencer os obstáculos no transcorrer da vida escolar da criança.

A percepção dos pais sobre esta realidade precisa ser muito bem analisada, haja vista, afetividade, aprendizagem e motivação, serem os principais fatores de sucesso num processo pedagógico escolar. Para que a aprendizagem se faça presente, seja constante e instigante, a afetividade precisa está fluente na relação interpessoal e, principalmente, familiar, assim como, a motivação precisa ser encarada como uma condição, tanto da família quanto do educador, no sentido de se estabelecer uma conduta de mútua cumplicidade no aprender.

Chalita (2004, p. 26) ressalta que: “a família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. Por isso é de extrema importância criar um elo de comunicação entre a família e a escola. Ambas se complementam e necessitam uma da outra para estabelecer um processo de construção da melhor aprendizagem e afeição para o ambiente socioeducacional que a criança atua.

Ainda discorrendo sobre o assunto, Nóvoa (1995) afirma que “não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”. Nesse sentido, é preciso que essa construção do conhecimento pedagógico seja articulada a partir do projeto da escola e se efetive na relação de cumplicidade entre educador e aluno.

Portanto, o produto da relação professor-aluno é, sem dúvidas, a aprendizagem fruto do trabalho e da intervenção pedagógica e a satisfação e contentamento profissional do educador pela qualidade da educação efetiva nesse processo institucional. Nesse sentido, é importante ressaltar que o professor não é o único responsável pelo sucesso ou insucesso do educando durante sua vida educativa. É o produto de uma parceria entre muitos atores e entre eles a família, o professor e a escola, ressaltando-se que o seu papel é

de vital importância, seja como pessoa ou como profissional na efetivação da educação que se pretende para a criança numa dinâmica proativa.

Nessa perspectiva, quando a criança é inserida no contexto da escola, todos estão preocupados com a efetivação de uma educação de qualidade e que resulte num processo didático e pedagógico conjunto, no sentido de se objetivar uma transformação formidável nas concepções desses atores envolvidos, assim como, na estrutura e formação psicológica, afetiva, emocional e cognitiva da criança em pleno processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se concluir uma obra como esta, a sensação que se tem é de que se cumpre mais uma etapa da reflexão a respeito dos aspectos afetivos ou motivacionais que tanto contribuem para o desenvolvimento da educação como um todo, principalmente, no que se refere a aquisição dos processos de estruturação e de formação da personalidade e da cognição.

Nesse sentido, buscou-se discutir nesta obra, assuntos que estão relacionado com a afetividade, buscando compreender o conceito e o contexto em que se apresenta na instituição escolar, assim como, os aspectos inerentes as percepções que o pedagogo deve ter para com esse fator importantíssimo na alfabetização.

Paralelo a essa discussão, abordar a motivação se tornou um fator relevante, haja vista, pertencimento e aprendizagem, estarem estritamente, interdependentes dos aspectos motivacionais que estimulam a criança a estudar e participar do cotidiano pedagógico. Dessa forma, tornou-se importante considerar que o pedagogo assume um papel relevante e muito valioso na integração da criança com os diferentes processos pedagógicos que contemplam a motivação como forma de estímulo a aprendizagem.

Por fim, tratou-se também da relação professor/aluno, como forma de se compreender o quanto a afetividade e a motivação estão interligadas e se articulam no cotidiano, no sentido de oferecer as possibilidades de inclusão e aprendizagem, mediante práticas pedagógicas instituídas pelo educador, no sentido de contribuir para o bem estar do aprendente e formalizar uma ação que, certamente resultará na aprendizagem da criança.

Portanto, é fundamental tornar essa obra uma referência para a pesquisa científica, colocando no seu contexto as particularidades inerentes ao processo de ensino-

aprendizagem, no que se refere aos aspectos afetivos e motivacionais, visando contribuir para a aquisição de saberes relevante a transformação das concepções pedagógicas na escola.

No entanto, como citado em epígrafe por Abraham H. Maslow “quanto mais saudáveis nós somos emocionalmente, mais importantes se tornam nossas necessidades de preenchimento criativo no trabalho. Ao mesmo tempo, menos nós toleramos a violação de nossas necessidades para tal preenchimento”.

Diante o contexto e a dimensão dessa epígrafe em relevo, torna-se pertinente destacar que esta reflexão a respeito da afetividade e da motivação, nas suas múltiplas possibilidades de inserção, integração e inclusão social e educacional, contribui, sobremaneira, para o aperfeiçoamento da concepção de que estas, quando bem incorporada no cotidiano pedagógico da escola, tende a gerar um estado de bem estar e contentamento, tendo em vista que, as ações são conjuntas e colaborativas, didáticas e pedagógicas.

Portanto, é fundamental que o profissional da pedagogia possa fazer essa reflexão a respeito desses fatores como ponto de partida para a formalização de práticas pedagógicas de sucesso e que resultem na aprendizagem da criança. Assim, ensinar e aprender são ações do cotidiano que exigem afeto e estímulo e, para isso, tanto a família quanto o professor devem pensar tais responsabilidades, no sentido de se possibilitar uma educação pensada para o transformar-se evoluir-se conceitual e cognitivamente, enquanto ser em pleno desenvolvimento psicossomático.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A Emoção na Sala de Aula**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.
- ANDRADE, Agivanda Soares de. **A Influência da Afetividade na Aprendizagem**. Monografia apresentada a Unievangélica Centro Universitário, curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Reeducativa. Brasília: 2007.
- AUSUBEL, D. P. **Educational Psychology, a Cognitive View**. N. York: Holt, Rinhart e Winston, 1968.
- BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas Organizações**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 1997b.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do Aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CARVALHO, Maria E. P. **Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004.
- CHALITA, Gabriel. Educação. **A Solução está no Afeto**. São Paulo: Gente 2004.
- COLL, C.; MARCHESI, PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto, Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro, Walk, 2008.
- DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. A Afetividade no Jogo de Regras. In: Sisto, F.; Martinelli, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2006. P.32.
- DE PAULA, Sandra Regina. **Afetividade na Aprendizagem**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – vol 1 – nº 1, 2010.
- ENGELMANN, A. **Os Estados Subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1997.
- GUILLOT, Gerard. Artigo, **Revista Pátio nº 17**, 2008.

HIDALGO, V.; PALACIOS, J. Desenvolvimento da personalidade entre os dois e os sete anos. In: Coll, et. Al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia evolutiva**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.p. 181-191.

MACIEL, Saulo Emmanuel Vieira; SÁ, Maria Auxiliadora Diniz de. **Motivação no Trabalho: uma aplicação do modelo dos dois fatores de Herzberg**. Studia Diversa, CCAE-UEPB, Vol. 1, nº 1 – outubro, 2007, p. 62-86.

MAHONEY, A. A. **Emoção e Ação Pedagógica na Infância: contribuições da psicologia humanista**. Temas em Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, nº 3, 1993, p. 67-72.

MATURANA, Romicim Humberto e Verden – Zoller. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORAES, Ccarolina Roberta; VARELA, Simone. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

NÓVOA, A. (coord.) **Os professores e a sua Formação**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo da Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

_____. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PINO, A. (mimeo) **Afetividade e Vida de Relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Walk, 2008.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1971.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Edit, 1975.

_____. **A Criança e o seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

YOUNG, Michael. **Para que Servem as Escolas?** In: Educação e Sociedade, v. 28, nº 101, Campinas, dez/2007.